

Uma fábula moderna: a Memória e a História no Café Gluck

A modern tale: the Memory and the History at the Gluck Café

Eduardo Gonçalves*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo desenvolver uma reflexão sobre o conceito polissêmico, instável e movediço de memória, na sua relação com a lembrança e o esquecimento, a partir da análise da novela *O livreiro Mendel* de Stefan Zweig, no contexto da modernização das sociedades européias no início do século XX, que representou um momento de desestruturação, transformação e ruptura, sobretudo na relação conflituosa entre a memória e esquecimento.

Palavras-Chave: memória, história, modernidade.

Abstract: This article proposes a way of developing a reflection over the polissemic, instable and volatile concept of memory, in its relation with state of remembering and oblivion, starting with the analysis on the romance *Mendel the Bookman*, written by Stefan Zweig, in the context of the european societies modernization at the beginning of the 20th century, wich represented a moment of destructuring, transformation and rupture, specially in the conflictuous relation between memory and oblivion.

Key-Words: memory, history, modernity.

Em um contexto marcado pelas transformações aceleradas e vertiginosas que se descortinaram com o advento da modernidade, o cenário principal da narrativa da novela “O livreiro Mendel” de Stefan Zweig (ZWEIG, 1999: 201-234) é o café Gluck, localizado em Viena. Ambientado no início do século XX, os diálogos principais ocorrem entre o personagem do livreiro Jakob Mendel e um jovem intelectual de uma Universidade próxima. O encontro entre os dois não ocorre por acaso. Jakob Mendel viera do Leste Europeu para Viena estudar para o rabinato mas terminou por abandonar os estudos. Ao chegar pela primeira vez ao café Gluck, fez deste a sua oficina e, a partir de então, passou a dedicar-se integralmente aos livros. Além dos universitários que lhe vendiam os seus livros, ele também adquiria livros usados através de anúncios veiculados em jornais da cidade. Mendel era conhecido pela sua enorme concentração, dedicação e seriedade para com a sua profissão. Sentado em sua mesa quadrada com tampo de mármore ele lia catálogos e livros e atendia

* Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestrando em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Atualmente é pesquisador do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

seus clientes, na maioria também frequentadores do café. Um desses clientes foi um jovem intelectual que estava à procura de informações mais detalhadas sobre determinados autores para aprofundar a sua pesquisa acadêmica sobre o tema do magnetismo, na procura de livros contra e a favor de Mesmer, pois as poucas obras que lhe foram sugeridas não estavam disponíveis. Um amigo mais experiente da Universidade o levou até o café Gluck para conhecer Mendel e solicitar seus serviços. Após o jovem explicar rapidamente o que desejava,

Mendel fechou o olho esquerdo por um segundo, exatamente como o atirador faz antes de disparar o tiro. Mas realmente só durou um segundo aquele gesto de atenção concentrada, depois imediatamente, como se lesse um catálogo invisível, ele recitou rapidamente o nome de duas ou três dúzias de livros, cada um com local da edição, ano e preço aproximado (ZWEIG, 1999: 207).

O jovem intelectual ficara impressionado com a “memória incomparável” (ZWEIG, 1999: 210) do livreiro, como se o que acabara de presenciar fosse algo mágico. Mendel conserva, atualiza e acessa constantemente as suas informações com uma velocidade impressionante e peculiar. Não satisfeito, o jovem questiona em seguida o livreiro sobre outros títulos sobre sonambulismo, hipnose e exorcismo, e informações sobre os autores Gassner, da Christian Science e Blavatsky. Surpreendido novamente por uma variedade de nomes, títulos e descrições, afirma que Mendel é um “milagre único de memória (...), na verdade um dicionário, um catálogo universitário com duas pernas” (ZWEIG, 1999: 208).

A memória de Mendel é definida como um tipo de memória “especificamente antiquarial” (ZWEIG, 1999: 210), pois apenas registra as centenas de milhares de títulos e nomes impressos, sem lê-los por completo, uma vez que não estava interessado em conhecer seus conteúdos intelectuais ou narrativos, pois se interessava apenas pelo nome do livro, seu preço e a descrição da sua aparência. O próprio livreiro Mendel era o suporte físico da sua memória, ao mediar o contato com o mundo dos livros para permitir o acesso ao conhecimento, organizando-o para tornar a sua memória acessível.

A capacidade de armazenamento das informações conferia um enorme poder à memória de Mendel, pois conforme assinala Jacques Le Goff, a memória é o elemento essencial da identidade – seja ela individual ou coletiva. A memória do livreiro Mendel, com sua capacidade exemplar de armazenar informações é o que garante e define a sua identidade, o seu lugar como livreiro dentro de um espaço como o café que, originalmente, não tinha a função de ser uma livraria. Ela é treinada, seja através dos livros que coleta em domicílio, pela busca em depósitos ou por intermédio dos livros dos universitários que lhe procuravam. Ele se relaciona com a memória através do estímulo sensorial, pelo cheiro, pelo contato e manuseio dos livros. Portanto, a partir da definição do geógrafo David Lowenthal (LOWENTHAL, 1998: 94), a memória de Mendel “(...) transmuta experiência, destila o passado em vez de simplesmente refleti-lo”.

Aproximadamente vinte anos depois o já não tão jovem intelectual estava novamente em Viena, após visitar alguns distritos distantes. Para se refugiar de uma tempestade inesperada, se abriga em um café moderno de Viena, sem tomar conhecimento do nome do estabelecimento. O café possibilitava à entrada em um outro tempo, obscuro e subjetivo, como se os vidros das paredes separassem dois tempos distintos, o do café e o da rua. Subitamente ele sentiu uma espécie de inquietação, de tensão. Recordara que já estivera naquele café alguma vez, pois alguma recordação o ligava àquele local, principalmente ao observar e apreender pelos sentidos as paredes, as cadeiras, mesas e o ambiente fumacento como um todo. Contudo, quando mais ele “(...) tentava entender essa memória, tanto mais malvada e escorregadia ela me fugia – com uma medusa brilhando incerta no fundo mais fundo da consciência, mas que não se podia pegar nem prender” (ZWEIG, 1999: 202). Mesmo ao empregar todos os seus sentidos para percorrer o interior do café, ele “não conseguia agarrar essa lembrança desaparecida, naufragada (...)” (ZWEIG, 1999: 202). Jacques Le Goff (LE GOFF, 1996: 423) enfatiza que “o conceito de memória é crucial”, uma vez que nele se cruzam e entrecruzam elementos variados, que às vezes podem até parecer contraditórios, como a lembrança e o esquecimento, mas que não o são, pois esse duplo movimento ocorre no presente, já que, conforme assinala Margarida de Souza Neves (NEVES, 2006: 5), é no presente e para o presente que construímos e reconstruímos as nossas memórias, ao preservar o tempo passado e relebrá-lo para servir ao tempo presente, com vistas para o futuro.

O esquecimento não é sempre voluntário. Ao retornar ao café Gluck, ele não consegue lembrar-se de nenhuma informação que atestaria sua presença em uma época anterior naquele café, um fenômeno involuntário. A memória humana (LE GOFF, 1996: 475) é “fiel e móvel”, “particularmente instável e maleável” (LE GOFF, 1996: 468), o que faz com que ele não consiga ter acesso ao passado, mesmo que já tenha frequentado o café, marca da instabilidade e da porosidade tão característica da memória. David Lowenthal assinala que mesmo um acontecimento que tenha sido marcante e importante na época em que ocorreu, mesmo assim ele está condenado ao esquecimento, pois a maioria das nossas experiências é esquecida. Por este motivo, conclui que a ausência do passado resulta em incertezas, algo que tenha existido e que não pode mais ser verdadeiramente conhecido, pois “o passado nunca pode ser tão conhecido quanto o presente. O passado é o país estrangeiro (...), onde tudo é feito de modo diferente” (LOWENTHAL, 1985: 73).

O homem continua observar o interior do café, mas não reconhece e não consegue estabelecer nenhum vínculo com a registradora automática ou com a madeira falsa de lambri marrom aplicada nas paredes. Lowenthal (LOWENTHAL, 1985: 79) aponta que “o conteúdo do que lembramos torna-o, da mesma forma, singularmente pessoal: inclui detalhes pormenorizados e íntimos dos acontecimentos, relacionamentos a sentimentos do

passado”. É necessário que exista algo que já vimos, sentimos ou experimentamos para ser reconhecido e lembrado, uma vez que “o passado nos cerca e nos preenche; cada cenário, cada declaração, cada ação conserva um conteúdo residual de tempos pretéritos. Toda consciência atual se funda em percepções e atitudes do passado” (LOWENTHAL, 1985: 64). A sua experiência carrega as marcas de um outro café, de um outro tempo, da velha caixa registradora de cerejeira, da cafeteira de cobre e dos móveis e utensílios antigos. Como não foi estabelecido nenhum vínculo sentimental ou pessoal com as inovações presentes no café, esse passado permanece obscuro, misterioso e envolto em dúvidas.

Para que o passado não continue “envolto em sombras, privado de sensações, apagado pelo esquecimento” (ZWEIG, 1999: 203), “requer-se uma rememoração que é normalmente consciente, freqüentemente consciente de si mesma” (LOWENTHAL, 1985: 74). Ele reconhece a necessidade de um estímulo sensorial, algo da realidade que lhe faça acessar esse passado a partir da sua experiência presente. Nada acontece ao tentar fechar os olhos e fixar o seu pensamento. Porém, ao levantar-se para sair, ao dar os primeiros passos pelo café, as recordações começam a ser evocadas pelos seus sentidos, renovadas naquele momento particular. Pouco a pouco percebe que aquele lugar guarda a lembrança de algum acontecimento passado muito significativo para ele. Ao percorrer o café, descobre a antiga saleta de jogos, agora com novo papel de parede, observa cada objeto e descobre repentinamente que era o local no qual trabalhava Jakob Mendel, o mesmo lugar que promoveu o encontro entre ele e Mendel, este livreiro que havia despertado sua consideração e espanto. Naquele momento suas sensações esquecidas se reativaram, para revelar para e no presente as suas recordações do passado. Lowenthal (LOWENTHAL, 1985: 92) aponta que as recordações intensas são singularmente involuntárias e “parecem trazer o passado não apenas de volta à vida, mas à existência simultânea com o presente”. Tomado pelo ímpeto e pela surpresa, o homem afirma que em um

instante eu o vi concretamente, sempre sentado ali na mesinha quadrada com tampo de mármore sujo, sempre coberta de livros e escritos. Sempre e inabalavelmente ali sentado com o olhar atrás dos óculos hipnoticamente preso a um livro, cantarolando e resmungando enquanto lia (...). (ZWEIG, 2004: 205).

A recordação afetiva do encontro com o livreiro é tão forte para ele, que o passado vem à tona de forma intensa e vívida, como se ele tivesse a ilusão de reviver aquele passado no presente por alguns instantes. Segundo Lowenthal (LOWENTHAL, 1985: 99), os “acontecimentos recordados com paixão são com freqüência mais enfáticos do que quando originalmente experimentados”. As cenas que mais impressionam ou deixaram marcas podem ser exageradas ao serem lembradas. Como essa experiência foi formadora para a sua vida acadêmica e social, ela traz consigo toda carga de sentimentos e nostalgias que a cercam no presente, no interior de um café que já é outro, agora modernizado.

A mesa de Jakob Mendel estava vazia. Ao chamar o garçom e perguntar sobre o livreiro Mendel, recebe a resposta que não havia nenhum homem com aquele nome no café. Com o chefe dos garçons a resposta foi similar, mas soube que o antigo dono havia vendido o café. Ficou impressionado como ninguém mais sabia sobre Mendel, aquele homem tão especial e significativo para ele. A única pessoa que podia saber informações sobre o livreiro era a senhora Sporschil, antiga funcionária que cuidava dos banheiros e também das roupas de Mendel. Ela representava quase uma contradição com a modernidade que se instaurara no café: seus cabelos brancos e despenteados, a sua insegurança ao caminhar e o seu quarto escuro localizado nos fundos do café, contribuíam para o seu distanciamento da parte nobre do café, agora modernizado e com energia elétrica – e não mais com os velhos lampiões. Conforme assinala Beatriz Sarlo (SARLO, 2007: 114), “o passado acomete independente da vontade da razão”. Os relatos sobre o passado da senhora Sporschil serão lembrados a partir da sua experiência de vida presente mas esse retorno ao passado “nem sempre é um momento libertador das lembranças” (SARLO, 2007: 9), pois como o tempo das lembranças é o presente, este tempo está marcado pela ausência do livreiro Mendel e pela vivência de uma experiência de exceção. Portanto,

(...) a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até quando não é convocada. (...) A lembrança insiste porque é soberana e incontrolável (em todos os sentidos dessa palavra). (...) O tempo próprio da lembrança é o presente: isto é, o único tempo apropriado para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o próprio (SARLO, 2007: 10).

A memória não é um resgate do passado, mas uma construção que relaciona o tempo passado e lembrado com o tempo presente, pois o acesso ao tempo anterior da vivência ocorre a partir das questões levantadas no presente, com os olhos fixados nas indagações e nos desafios futuros.

Ao lembrar os acontecimentos vividos por Jakob Mendel, a senhora narra-os com uma voz tensa e carregada de emoções. O relato das recordações da senhora Sporschil vem carregado de sentimentos e das suas memórias afetivas, através da sua tênue experiência partilhada durante décadas com livreiro Mendel. Entretanto, esse relato traz as marcas dos acontecimentos posteriores, pois “explicar o passado no presente significa lidar não apenas com percepções, valores e linguagens que mudam, mas também com acontecimentos ocorridos após a época examinada” (LOWENTHAL, 1985: 115). Como a memória da senhora Sporschil está fortemente ligada às suas experiências de vida, ela nunca irá contemplar a totalidade ou todos os detalhes de eventos acontecidos, pois seleciona e narra o que foi mais marcante em sua trajetória, ao pôr em relevo episódios mais significativos ou carregados de emoção, capazes de despertar sentimentos distintos.

Um dos acontecimentos que marcaram a percepção da senhora Sporschil foi a experiência da Primeira Grande Guerra, da qual Mendel não se havia dado conta, confinado

em seu escritório de trabalho, o café Gluck. Ele não soube que havia uma guerra entre as grandes potências, que não deixou ninguém de fora, pois atingiu até os espaços privados. Tzvetan Todorov (TODOROV, 2000: 13) assinala que o controle da informação foi prioridade dos regimes totalitários do século XX. Porém, Mendel continuara despreocupadamente a enviar postais para livreiros de países como a França e Londres, sem saber que várias fronteiras estavam fechadas, até que o centro de censura dos militares interceptou um dos seus cartões postais. O livreiro, além de tudo, era um cidadão de nacionalidade russa que havia passado escondido pela fronteira para viver na Áustria e trabalhar dentro do café. Mendel foi entregue à polícia, conduzido para a prisão e levado para um campo de concentração de civis em Komorn.

Os meios de comunicação e a imprensa exerceram um papel fundamental no processo de modernização das sociedades européias. O livreiro Mendel não lia jornais, e por isso não tinha acesso aos meios de comunicação de massa que divulgavam as informações e procuravam criar consenso. Sem esse contato, ficou sem ter notícias sobre o início da Primeira Guerra. Esse mundo não combinava com o seu. Quando esse mundo adentrou o seu, houve uma quebra, uma ruptura e, a partir de então, não houve mais volta para ele. A modernização das sociedades européias no início do século XX alterou o mundo do livreiro, que era pautado por valores universais, pela construção da idéia do sujeito sem lugar, já que esta nova realidade promoveu o rompimento do seu mundo contínuo e impôs severos controles e fechamento das fronteiras.

Os relatos da senhora Sporschil são, em relação ao passado, fundamentados na sua memória. Lowenthal (LOWENTHAL, 1985: 83) assinala que “relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade”, não apenas quando relembro, mas também quando há envolvimento com esses fatos. Esse passado tão intenso do livreiro Mendel também faz parte da sua vida, que cria um sentido de pertencimento, solda uma identidade tão forte com a sua narrativa de vida. Portanto, “precisamos da lembrança de outras pessoas tanto para confirmar as nossas próprias, quanto para lhes dar continuidades” (LOWENTHAL, 1985: 81). E essa continuidade é dada por ela, pois a rememoração dos fatos ocorridos com Mendel confirma a sua própria trajetória de vida cotidiana no café Gluck e cria uma continuidade, mesmo que a vida do livreiro tenha sido interrompida, uma vez que Mendel era por si só uma prova dos acontecimentos do passado. A vida da senhora Sporschil já estava exposta à diversidade de experiências das sociedades moderno-contemporâneas, fragmentadas e contraditórias, descritas por Gilberto Velho (VELHO, 1999: 102). As experiências pessoais do passado do livreiro Mendel estão intimamente ligadas às suas experiências, bem como às experiências coletivas do café Gluck como um todo.

Mendel suportou os horrores emocionais nos dois anos que passou no campo de concentração. Com apoio e solidariedade de todos os colecionadores, em 1917 saiu do

confinamento e retornou para Viena, para o seu antigo quartel-general, o café Gluck. Ao retornar para o café,

(...) ele não era mais o mesmo, não era mais o miraculum mundi, o registro mágico de todos os livros; (...) Algo parecia irremediavelmente destruído no olhar dele, habitualmente sossegado, sempre lendo como sonâmbulo; algo fora despedaçado (...). (ZWEIG, 1999: 228).

A memória de Mendel não era mais a mesma, o seu suporte físico que permitia acessar as informações sobre os livros, tamanha a desestruturação gerada. Nesse momento, estabeleceu-se a morte simbólica do livreiro. Não apenas sua memória não era mais a mesma, mas nem ele e nem o mundo no qual ele vivia eram mais os mesmos. Durante os dois anos que esteve preso no campo de concentração presenciou e viveu traumas e emoções, situações limite, pois além de não ter livros, dinheiro, clientes e estar afastado do seu local de trabalho, presenciou cenas de excessos e brutalidade.

Le Goff, ao descrever os problemas que as perturbações da memória podem causar, assinala que ao lado da amnésia, a afasia também é um elemento central que pode acompanhar esse distúrbio. Mendel não entendia mais os pedidos feitos pelos seus clientes, ouvia mal e esquecia com facilidade o que lhe havia sido solicitado. Não tinha mais a disposição para leitura, perdera a sua capacidade de memorização, abstração e concentração. Para Lowenthal (LOWENTHAL, 1985: 83), “a perda de memória destrói a personalidade e priva a vida de significado”. Os traumas presenciados e experimentados por Mendel no campo de concentração afetaram a sua memória, o seu principal instrumento de trabalho. Sem ela, o livreiro não tinha mais acesso às informações sobre os livros, datas, títulos e cifras. O café estava no mesmo lugar, mas como ele perdeu o seu atributo da memória, não havia mais nada o que fazer, e, na medida em que o exercício memorialístico demarcava seu lugar no mundo e o encerrava, ao menos aparentemente, em seu particular palácio da memória, uma vez perdido aquele atributo extraordinário o livreiro passou a não encontrar mais o lugar que construira para si e que, ao mesmo tempo, o isolava e o inseria na realidade.

Andreas Huyssen (HUYSSSEN, 2000: 37) aponta que “a memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento”. A memória de Mendel, por ser pessoal e por ter sido abalada, “não apenas (...) condena à final extinção mas torna defeituosa sua comunicação com o passado” (LOWENTHAL, 1985: 80), uma vez que “o caráter pessoal das lembranças aumenta a dificuldade de confirmá-las. Ninguém mais pode comprovar inteiramente nossa experiência única do passado” (LOWENTHAL, 1985: 88). A ideia de construção de um tempo curto e menos parcelado é uma característica que vem da modernidade, um instante verossímil de algo que vemos na frente. A noção de tempo foi alterada, já que passou a ter a ideia de um tempo instantâneo e imediato. Mendel ao ser preso teve contato com uma temporalidade distinta daquela em que construía seu refúgio

no Café. Foi interrogado, preso no quartel, transferido para o campo de concentração e, por fim, obteve a liberdade para retornar ao café. Esse conjunto de experiências foi vivido por ele em um tempo muito acelerado e esfacelado. Mendel sofreu uma ruptura dramática, uma quebra irrecuperável da materialidade da experiência, do tempo e da memória. A temporalidade dos horrores, emoções e das mortes que presenciou no campo de concentração foi muito longa, e, com isso, a sua percepção da lógica do cotidiano foi alterada.

No mundo superior que construiu ilusoriamente justamente com a matéria prima que teoricamente permite enfrentar a realidade com ferramentas mais aguçadas, o mundo dos livros de Jakob Mendel, “não existia guerra nem incompreensão, mas apenas eterno saber e querer-saber-ainda-mais sobre cifras e palavras, títulos e nomes” (ZWEIG, 1999: 224). O mundo de Mendel era permeado por um saber específico, de um homem dedicado à sua profissão e aos livros. A experiência da guerra não deixou de afetar vida de nenhum indivíduo, nem mesmo a de Mendel. Na modernidade, a experiência da memória tornou-se indispensável. Le Goff argumenta que

a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (LE GOFF, 1986: 475).

Mendel, mesmo com a sua vida cotidiana debruçada sobre os livros, não ficou de fora das questões maiores que a modernidade trouxe para o mundo, como a experiência da primeira Grande Guerra. Os acontecimentos da coletividade estavam entrelaçados, mesmo que de forma indireta, com a sua vida, por mais ele pretendesse desconhecer os acontecimentos cotidianos. Mendel viveu em um tempo mais sonhado do que real, uma vez que o café Gluck para ele era “(...) um lugar seguramente circunscrito, com um senso de fronteiras estáveis e numa cultura construída localmente com o seu fluxo regular de tempo e um núcleo de relações permanentes” (HUYSSSEN, 2000: 30). Ele não estava fora da realidade moderna, uma vez que ninguém está fora da história. Entretanto, foi atropelado pela própria modernidade em seu momento de crise, de rupturas e desestabilização. Jakob Mendel representa a antítese do mundo que estava do lado de fora do café. Apesar de seu afastamento do bulício da rua, o mundo e suas contradições, a despeito de seu paciente exercício de construção de um amuralhado palácio da memória, também incluía o Café Gluck. Dentro de seu peculiar palácio, sua memória e seu exercício memorialístico pareciam ser fundamentais pois o seu movimento de lembrar e esquecer a externalidade dos livros mediava o seu contato com o mundo do conhecimento. Ele era uma figura icônica de um universo em que soube construir seu lugar, o de um canal de contato, como se tivesse acesso a um catálogo invisível, ao “alfabeto do mundo” (ROSSI, 2004: 21).

A modernidade mostrou que o tempo, a memória e as lembranças são campos movediços que estão sujeitos a variações e mudanças. As experiências presenciadas e vividas pelo livreiro Mendel contribuíram para a erosão das suas lembranças e o impediram de ter uma visão consistente sobre a sua identidade. Entretanto, a memória da senhora Sporschil ainda era bastante eficaz para soldar as lembranças daquela vida tão peculiar no presente. Para ela, bem como para o homem que a procurou, a memória do livreiro Mendel permanece forte e vívida, pois, como assinalada Jacques Le Goff (LE GOFF, 1986: 477), “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. As memórias da senhora Sporchil e do jovem intelectual têm a pretensão de, no presente, salvar da erosão do passado as lembranças da trajetória peculiar do livreiro Mendel, que teve uma vida tão relevante e importante para um determinado número de pessoas, para que os seus feitos sejam partilhados com os demais e com as gerações futuras. A costura dos retalhos do passado é primordial para consolidar o tempo vivido em narrativas coerentes e oferecer, para o presente e o futuro, a fábula do livreiro Jakob Mendel escrita por Stefan Zweig. Uma fábula que faz pensar no destino de uma erudição descolada do mundo do real tanto quanto nas complexas relações entre a memória e a história.

Para bem entender essa fábula, talvez convenha lembrar que a palavra alemã Gluck, traduzida para o português, significa Felicidade. Mas a felicidade encontrada pelo russo Mendel no refúgio vienense em que construiu sua identidade e seu prestígio através de sua extraordinária capacidade de memória era enganadora na medida em que pretendia prescindir do terceiro vértice que associa organicamente, na perspectiva de Gilberto Velho (VELHO, 1999: 99), identidade, memória e projeto, entendido este último vértice, tal como observa este autor, como forma de negociação com a realidade, e não, como parecia pretender o personagem Mendel, como negação desta mesma realidade.

Talvez a fábula do livreiro Mendel tenha uma moral, como as fábulas de todos os tempos, e essa moral seja especialmente interessante para os historiadores de ofício: ainda que Mendel não perceba a discreta presença constante dessa freqüentadora, as portas do Café Gluck nunca se fecham para a História.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2000.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

- LOWENTHAL, David. *The past is a foreign country*. Cambridge: University Press, 1985. (Tradução na Revista Projeto História. Nº 17 **Trabalhos da Memória**. São Paulo, PUC-SP - Programa de Pós-Graduação em História, novembro de 1998. p. 63- 201).
- NEVES, Margarida de Souza. *Memória e História da Pós-Graduação na PUC-Rio*. In: <http://www.ccpq.puc-rio.br/memoriapos/> (disponível na INTERNET em 03 de setembro de 2009).
- ROSSI, Paolo. **A chave Universal**. Artes de memorização e lógica combinatória. Bauru: EDUSC, 2004.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- VELHO, Gilberto. *Memória, identidade e projeto*. In: **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- YATES, Frances. **A arte da memória**. Campinas: EDUNICAMP, 2007.
- ZWEIG, Stefan. *O livreiro Mendel*. In: **Medo e outras novelas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

Recebido em *Setembro* de 2009

Aprovado em *Fevereiro* de 2010